

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: POR UMA IDENTIFICAÇÃO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS DA USP SÃO CARLOS****HERITAGE EDUCATION: FOR AN IDENTIFICATION OF CULTURAL REFERENCES OF USP SÃO CARLOS UNIVERSITY STUDENTS**André Frota Contreras Faraco<sup>1</sup>, Simone Helena Tanoue Vizioli<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma ação de Educação Patrimonial realizada com um grupo de universitários do campus São Carlos da Universidade de São Paulo (USP) no segundo semestre de 2021. O objetivo da ação foi realizar um processo educativo em que o Patrimônio Cultural fosse um recurso para a compreensão sócio-histórica da trajetória universitária dos alunos, considerando-os protagonistas do processo. E também oportunizar aos alunos que eles realizassem a leitura e a interpretação do território onde a universidade está inserida sob a perspectiva do Patrimônio Cultural, de forma a identificar as referências culturais que se manifestam nele: os lugares, as práticas, as habilidades, os costumes, as crenças e os valores da vida cotidiana dos universitários – ou seja, aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade dos universitários do campus USP São Carlos. A ação faz parte da pesquisa de Mestrado Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos, cujo objetivo geral é aprofundar a base conceitual da Educação Patrimonial como processos educativos, como um campo de estudos transversal à educação e ao patrimônio cultural, a fim de consolidar referenciais teóricos, estratégias de ação e ferramentas possíveis para o desenvolvimento desses processos. A construção de um repertório teórico-conceitual a partir de revisão bibliográfica subsidiou o desenvolvimento de uma pesquisa-ação – cujos dados e resultados são apresentados neste trabalho. A experiência prática do pesquisador na realização da ação, em decorrência do sucesso desta, pode consolidar os referenciais teórico-conceituais, as estratégias de ação e as ferramentas possíveis para o processo.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Universitários da USP. São Carlos.

**Abstract:** This work presents a Heritage Education action developed with a group of university students from the São Carlos campus of the University of São Paulo (USP) in the second half of 2021. The objective of the action was developed an educational process in which Cultural Heritage would be a resource for the socio-historical understanding of the students' university trajectory, considering them protagonists of the process. And also to provide students with the opportunity to read and interpret the territory where

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista. Mestrando em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Pesquisador do Núcleo de apoio à pesquisa em estudo de linguagem em arquitetura e cidade (N.ELAC - IAU-USP). Docente colaborador da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos. Email: frotafaraco@gmail.com - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4121-7647>

<sup>2</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora Doutora da área de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Membro co-fundadora e co-coordenadora do Núcleo de apoio à pesquisa em estudo de linguagem em arquitetura e cidade (N.ELAC - IAU-USP). Docente responsável da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos. Email: simonehtv@usp.br - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7057-6836>

the university is inserted from the perspective of Cultural Heritage, in order to identify the cultural references that are manifested in it: the places, practices, skills, mores, the beliefs and values of the daily life of university students – that is, what is a bearer of reference to the action, memory and identity of university students on the USP São Carlos campus. The action is part of the Master's degree research Heritage Education: participatory process of identifying cultural references of university students from the USP São Carlos campus, whose general objective is to deepen the conceptual basis of Heritage Education as educational processes, as a field of study transversal to education and cultural heritage, in order to consolidate theoretical references, action strategies and possible tools for the development of these processes. The elaboration of a theoretical-conceptual repertoire based on a literature review supported the development of an action research – whose data and results are presented in this work. The researcher's practical experience in developed the action – as a result of its success – can consolidate the theoretical-conceptual references, action strategies and possible tools for the process.

**Keywords:** Heritage Education. University students at the USP. São Carlos.

### **Introdução: por que uma ação de Educação Patrimonial com os universitários de São Carlos?**

São Carlos é um município localizado no interior do estado de São Paulo, na região central. Foi fundado em 1857, no contexto da expansão da lavoura cafeeira no sentido oeste do estado nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. O enriquecimento dos fazendeiros de café implicou no investimento em infraestrutura urbana e a criação de condições para a industrialização a partir dos anos 1920. Com isso, entre os anos 1930 e 1950, a indústria já se consolidou como principal atividade econômica do município, com grande relevância no estado. Primeiro, com a fabricação de máquinas de beneficiamento para o setor agrícola, móveis, fundições, serrarias e tecelagens. Depois, a partir das décadas de 1950 e 1960, houve a instalação de unidades de produção de grandes empresas multinacionais, como a Volkswagen, a Faber-Castell, a Electrolux, a LATAM (SÃO CARLOS, 2022).

Nesse contexto de desenvolvimento industrial, o município recebeu um impulso para o desenvolvimento tecnológico, científico e educacional, com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), unidade da Universidade de São Paulo (USP), em 1953. Em 1970, foi inaugurado o primeiro campus da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Além das duas universidades públicas, em 1972 foi criado também o

Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), e em 1984 foi inaugurada uma unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMPRABA) no município.

A Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) deu origem à USP São Carlos, que possui dois campi no município e é formada pelas seguintes unidades de ensino: Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e o Instituto de Química de São Carlos (IQSC). De acordo com os dados divulgados em janeiro de 2022, a USP São Carlos conta com 5.121 alunos de graduação, 4.058 alunos de pós-graduação, 499 docentes, 1.030 funcionários técnicos e administrativos (PORTAL USP-SÃO CARLOS, 2022). O Campus São Carlos da UFSCar conta com aproximadamente 10 mil alunos de graduação e pós-graduação, 1.000 docentes e 800 servidores técnico-administrativos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2022). Isso significa que, somados os números, a USP e a UFSCar contam com quase 20.000 alunos, 1.499 docentes e 1.830 servidores técnico-administrativos.

Todos os anos chegam mais de 2.800 novos estudantes universitários a São Carlos, provenientes de todas as partes do Brasil e até de outros países. Eles são atraídos justamente pela qualidade das duas universidades públicas do município, a USP e a UFSCar, que estão entre as 10 melhores universidades do país, conferindo ao município o status de polo universitário e o título de capital da tecnologia (PORTAL G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2018).

O relatório produzido pelo Diretório Central dos Estudantes da USP – DCE Livre Alexandre Vannuchi Leme, em agosto de 2021, trouxe dados relevantes sobre a origem dos estudantes universitários de São Carlos. De uma amostra de 1.959 estudantes de graduação e pós-graduação do Campus USP São Carlos, somente 428 (21,8%) já eram residentes de São Carlos. Outros 1.116 (57%) residiam em outros municípios do estado, e outros 415 (21,2%) vieram de outros estados (estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e demais estados do Sudeste) (DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA USP, 2021).

Outros dados corroboram a importância das universidades públicas em São Carlos. Como, por exemplo, o de que há um doutor para cada 100 habitantes no município. Porque há mais de 2.530 doutores no município que tem, aproximadamente, 250 mil habitantes (FONTES, 2019).

A vida universitária proporcionada no município é um fator reconhecido pelos calouros e pelos universitários de outras regiões. A Taça Universitária de São Carlos – TUSCA, é um torneio universitário que ocorre em São Carlos anualmente, organizado pela Associação Atlética Acadêmica da UFSCar e pela Associação Atlética Acadêmica Campus de São Carlos USP (esta também conhecida como Atlético CAASO – Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira). É considerada a maior festa universitária do Brasil. Estima-se que na sua 40ª edição (última edição antes da pandemia COVID-19), realizada entre os dias 14 e 17 de novembro de 2019, tenha atraído 30 mil pessoas por dia. Essa edição contou com shows dos cantores Ludmilla, Glória Groove, Kevinho entre outras atrações. É importante salientar que, durante o evento, estima-se que, numa campanha beneficente promovida pela organização do evento, tenham sido arrecadadas 25 toneladas de alimentos não perecíveis, os quais foram doados para famílias em situação de vulnerabilidade (PORTAL G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2019).

A presença dos universitários no município tem também um peso significativo para a economia local. A Associação Comercial e Industrial de São Carlos (ACISC) estima que os estudantes universitários gastam em média 20 milhões de reais por mês no município, principalmente com moradia (uma vez que parte significativa é proveniente de outras localidades), alimentação, comércio e prestação de serviços (EPTV 1, 2020). O próprio TUSCA tem um papel importante na economia local. Projeta-se que a edição realizada em 2019 tenha movimentado 20 milhões de reais, uma vez que, além da compra de ingressos, os estudantes universitários de outras regiões gastam com deslocamentos, alimentação e hospedagem (PORTAL G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2019).

Sendo assim, é incontestável não só a importância da universidade no município, mas também a importância dos jovens universitários como um grupo formador da sociedade são-carlense. Grupo este que é heterogêneo – uma vez que provém de diversas regiões do estado e do país –, e que torna ainda mais complexas as práticas culturais dos universitários são-carlenses. Porque são mantidos os legados culturais que as gerações de universitários construíram ao longo da história da universidade e os novos estudantes atualizam e reconstróem esses legados culturais.

Por isso, justifica-se a realização de uma ação de Educação Patrimonial com um grupo de alunos de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo e demais cursos do campus USP-São Carlos, realizada no contexto da disciplina optativa oferecida no segundo semestre de 2021 denominada *Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos* (IAU2109 – 2ºS/2021). O objetivo da ação foi realizar um processo educativo em que o Patrimônio Cultural fosse um recurso para a compreensão sócio-histórica da trajetória universitária dos alunos, considerando-os protagonistas do processo. E também oportunizar aos alunos que eles realizassem a leitura e a interpretação do território onde a universidade está inserida sob a perspectiva do Patrimônio Cultural, de forma a identificar as referências culturais que se manifestam nele: os lugares, as práticas, as habilidades, os costumes, as crenças e os valores da vida cotidiana dos universitários – ou seja, aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade dos universitários do campus USP São Carlos.

É importante esclarecer que esta ação faz parte da pesquisa de Mestrado *Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos*, realizada no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (PPG-IAU.USP), em São Carlos. O objetivo geral da pesquisa é aprofundar a base conceitual da Educação Patrimonial como processos educativos, como um campo de estudos transversal à educação e ao patrimônio cultural, a fim de consolidar

referenciais teóricos, estratégias de ação e ferramentas possíveis para o desenvolvimento desses processos.

A realização dessa ação contempla dois objetivos específicos da pesquisa. O primeiro é contribuir para o debate do campo da Educação Patrimonial a partir da experiência prática do pesquisador em uma investigação exploratória, por meio da viabilização de uma ação de Educação Patrimonial com um grupo de alunos de graduação do campus USP São Carlos. O segundo é, ao longo do processo, autonomizar os educandos participantes para que se reconheçam como produtores culturais, detentores das suas próprias referências culturais e do seu próprio patrimônio cultural.

Sobre a pesquisa de Mestrado, para o seu desenvolvimento, recorreu-se a uma metodologia com estratégias combinadas (GROAT, 2013a). De uma maneira geral, a pesquisa se faz qualitativa, uma vez que visa à explicação de um fenômeno social em um contexto complexo e contemporâneo – que é a Educação Patrimonial. Dessa forma, as fontes de dados e as técnicas de coletas não se encerram em pesquisas bibliográficas, somando-se fontes de dados e técnicas de coleta que envolvem diretamente as pessoas (GROAT, 2013b).

No primeiro momento da pesquisa, somou-se ao método qualitativo o método histórico no desenvolvimento de uma revisão bibliográfica, a fim de estabelecer a trajetória histórico-conceitual do campo da Educação Patrimonial no Brasil, assumindo-se que a realidade atual é resultado de uma construção social. Neste momento, a Educação Patrimonial foi investigada de uma maneira holística como uma intersecção dos conjuntos da área da *Educação* e do *Patrimônio Cultural* (GROAT, 2013b). Buscou-se, dessa forma, construir um repertório teórico-conceitual de um campo de estudos em permanente construção, que é o caso da Educação Patrimonial, que esteja compassado às discussões atuais dos conjuntos que o compõem. Este repertório teórico-conceitual subsidiou o segundo momento da pesquisa, que consistiu em uma investigação exploratória por meio de uma pesquisa-ação – cujos resultados são apresentados neste trabalho.

A pesquisa-ação é um método que faz uso de práticas e ações em um determinado espaço previamente delimitado para equacionar problemas na situação social real, buscando interações entre o pesquisador, os conhecimentos teóricos e os sujeitos da situação real tornados participantes da pesquisa. Neste método a prioridade das problemáticas é dada segundo quem convive com a realidade social, sendo a sua utilização pertinente em coletividades de pequeno ou médio porte (THIOLLENT, 1986).

Sendo a Educação Patrimonial um fenômeno social, a pesquisa-ação se faz útil para a obtenção de informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, uma vez que este método permite a intervenção consciente do pesquisador numa realidade por meio de uma experimentação em uma situação real e com um constante diálogo entre ele e os outros participantes da pesquisa. O objetivo da pesquisa-ação é que o pesquisador contribua ao campo teórico a partir de sua própria experiência, e relacionar o saber dos participantes ao saber do pesquisador, havendo uma construção coletiva e mútua de conhecimento (THIOLLENT, 1986).

### **Por uma Educação Patrimonial problematizadora e dialógica: um repertório teórico-conceitual**

Nos anos 2000, viabilizou-se uma perspectiva de que a Educação Patrimonial pudesse ser um instrumento de reflexão crítica sobre os acervos de bens culturais já consagrados. Mas além disso, houve um avanço também para que as ações educativas fossem desatreladas de um foco no acervo de bens culturais já patrimonializados e reconhecidos oficialmente pelo Estado, deslocando-se por um movimento para reconhecimento de outros sujeitos produtores de bens culturais, que fazem parte de outros grupos sociais formadores da sociedade brasileira (GONÇALVES, 2014).

Esse avanço ocorreu inclusive no próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e culminou, no âmbito do órgão, com a Portaria nº 137 de 28 de abril de 2016. O Artigo 2º da Portaria define o que é Educação Patrimonial para o órgão:

Para os efeitos desta Portaria, entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sociohistórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação (INSTITUTO, 2016, p. 06).

Como diretrizes da Educação Patrimonial, são apresentadas o incentivo à participação social, à integração das práticas educativas com a vida cotidiana das pessoas, a valorização do território, as relações afetivas que envolvem o patrimônio cultural, a importância da negociação por conta do envolvimento de diversos grupos sociais, a intersectorialidade e a associação do bem cultural ao lugar social que ele ocupa na vida das pessoas. E, enfim no seu Artigo 4º, a Portaria define: “São documentos referenciais para a prática de Educação Patrimonial pelo Iphan as publicações Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos, IPHAN, 2014, e a publicação Educação Patrimonial: inventários participativos, IPHAN, 2016” (INSTITUTO, 2016, p. 06).

A publicação *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos* é uma referência imprescindível para o campo da Educação Patrimonial atualmente por defender a importância de uma concepção pedagógica dialógica que priorize a participação social, que considere os saberes os quais os educandos são portadores e a experiência social a qual os educandos também possuem. De maneira participativa e coletiva, os processos de Educação Patrimonial podem cumprir, a partir de uma mediação dos conhecimentos dos educandos pelo educador, o papel de identificação de bens culturais e de construção de conhecimento sobre eles. Devendo ser superadas, assim, quaisquer ações que tenham o intuito de apenas instruir e informar, ou ensinar um caminho (FLORÊNCIO, 2014).

Sobre uma concepção pedagógica dialógica e participativa, é imprescindível frisar que Educação Patrimonial é, sobretudo, um processo educativo. Portanto, convém retomar o educador Paulo Freire (1996, p. 25), que afirma que ensinar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nesse sentido, ensinar tem como tarefa propiciar que os educandos em suas relações



uns com os outros e todos eles com o educador assumam-se como ser social e histórico, como sujeito pensante, comunicante, criador – ou seja, que assumam a sua identidade cultural (FREIRE, 1996).

No mesmo sentido, numa perspectiva *freireana* para ações de Educação Patrimonial, a apresentação dos conceitos do campo do Patrimônio Cultural antes de construir uma possibilidade de entendimento a partir da realidade vivida impede que os sujeitos educandos se reconheçam como produtores e detentores de sua própria cultura e história. Por isso, Scifoni (2017) defende que é preciso iniciar a abordagem a partir da realidade dos grupos, para oportunizar que o grupo mobilize o que faz parte da essência do patrimônio cultural, que é a guarda de objetos como necessidade humana.

Em uma ação que integre Educação e Cultura, como na Educação Patrimonial, em um contexto de educação formal, é necessário entender que a escola não é um agente educacional isolado: outras associações, movimentos e grupos presentes na comunidade também são importantes. Dessa forma, deve haver uma interação entre escola e comunidade, de forma que a escola se aproprie da cultura da comunidade:

[...] a educação se apropria legitimamente da cultura que ela pode incorporar à vida da escola, que ela consegue digerir sem perigo, e faz de dentro para fora de um ensino crítico e criativo, a crítica da cultura. Assim, o que ela devolve à comunidade é a sua própria cultura mais transparente a si mesma (BRANDÃO, 1996, p. 42).

Por isso, por uma Educação Patrimonial dialógica e problematizadora, a educação precisa ser transformadora, o que significa que, no processo educativo, todos os saberes – dos educadores e dos educandos – devem ser mobilizados de forma que seja possibilitada a intermediação da leitura da realidade e que almeje a uma transformação social, a uma transformação da realidade. Conhecimento é criação, e está relacionado ao que Paulo Freire afirmava como a condição de inacabamento: isso significa que o conhecimento nunca está pronto, devendo sempre ser reformulado, ressemantizado, resignificado (DEMARCHI, 2020).

Uma Educação Patrimonial dialógica e problematizadora deve ter o Patrimônio Cultural como mediador para a intercomunicação dos educandos, para a compreensão crítica da realidade em que eles – os sujeitos e os patrimônios – estão inseridos (DEMARCHI, 2020). O que quer dizer, a partir de Paulo Freire (2006, p. 114), uma educação que ponha à disposição do educando “meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica”.

Sobre o segundo marco referencial do IPHAN, a publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos*, de 2016, é relevante por apresentar a elaboração de inventários participativos como uma ferramenta de Educação Patrimonial. Entende-se que inventariar “é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local” (FLORÊNCIO et al, 2016, p. 07).

A publicação baseou-se na experiência de inventariação que o IPHAN já praticava na política de preservação do patrimônio cultural imaterial. A contribuição da publicação é que, por ser de livre acesso, qualquer sujeito social, qualquer grupo social ou comunidade pode elaborar o seu próprio inventário. Para a realização do inventário, a publicação orienta o leitor a partir de cinco (5) categorias de bens culturais: lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes. Vale ressaltar que não há a pretensão de que os Inventários Participativos se tornem instrumentos de identificação e reconhecimento oficial, mas que sirvam como uma ação de cidadania e participação social (FLORÊNCIO et al, 2016).

Patrimônio Cultural também é um processo de comunicação, de transmissão e atualização de conhecimentos e ideias. Consiste em afirmar e expressar a identidade e recriar valores e significados sociais e culturais que respaldam tudo isso, de acordo com Laurajane Smith (2011). Nesse sentido, o Inventário Participativo é uma forma de organizar o conhecimento construído sobre o Patrimônio Cultural ao longo de um

processo de Educação Patrimonial e constitui uma forma de representação: de como os detentores do patrimônio querem comunicá-lo, transmiti-lo; quais os valores e significados sociais são atribuídos a esse patrimônio.

### **Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos**

A ação de Educação Patrimonial apresentada neste trabalho ocorreu no contexto da disciplina optativa denominada *Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos* (IAU2109 – 2ºS/2021), elaborada pelos autores deste trabalho. Ainda houve a colaboração da aluna de graduação Ana Elisa Pereira Chaves, que atuou como monitora da disciplina, com o objetivo de apoiar as condições de sua oferta. Foram oferecidas 25 vagas para os graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo do IAU e 5 vagas para os graduandos de outros cursos do campus USP São Carlos. Para participar, os alunos tinham que ter ingressado na universidade até 2019.

O pesquisador submeteu o projeto de pesquisa à Plataforma Brasil, uma vez que a pesquisa envolveu seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (CEP EACH USP) emitiu parecer aprovando a realização da pesquisa em 16 de junho de 2021<sup>3</sup>. Convém salientar que todos os protocolos éticos exigidos pelo Comitê de Ética foram rigorosamente cumpridos ao longo da ação.

O plano de ação se constituiu em um processo educativo para ser desenvolvido em três (3) etapas, distribuído em doze (12) encontros de duas horas e meia (2h30) cada. Na Etapa 1, foram mobilizados os conhecimentos que os alunos possuem sobre as experiências sociais que vivenciam e cultivam, ao longo de dois (2) encontros nos dias 17 e 24 de agosto de 2021. Na Etapa 2, foram entrecruzados os conhecimentos dos alunos com conhecimentos conceituais do campo do Patrimônio Cultural e da

---

<sup>3</sup> Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) para identificação do projeto de pesquisa: 47810521.7.0000.5390.

representação, oportunizando a construção coletiva de conhecimentos ao longo de cinco (5) encontros nos dias 31 de agosto, 14, 21 e 28 de setembro e 05 de outubro de 2021. Na Etapa 3, os conhecimentos construídos coletivamente foram sistematizados e organizados por meio de recursos audiovisuais compondo Inventário Participativo de referências culturais dos universitários de São Carlos, SP, ao longo de cinco (5) encontros nos dias 19 e 26 de outubro, 09, 16 e 23 de novembro de 2021. Os produtos resultantes, que compõem esse Inventário, foram disponibilizados em plataforma digital de acesso livre, a rede social Instagram<sup>4</sup>.

Houve a matrícula voluntária de 23 alunos, sendo 21 alunos graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo e 2 alunos dos demais cursos de graduação. Todos os encontros foram remotos e síncronos, via Google Meet, de forma a preservar a saúde dos participantes em decorrência da pandemia COVID-19. A forma síncrona foi imprescindível para que houvesse a participação simultânea de todos os alunos que, naquele momento, estavam isolados em suas casas. É importante ressaltar que, quando a ação se iniciou, em agosto de 2021, já havia 17 meses que os alunos não iam até o campus, uma vez que desde março de 2020 as aulas presenciais foram suspensas. Ou seja, havia 17 meses que eles estavam apartados fisicamente das suas vivências e experiências como universitários no campus da USP, na cidade de São Carlos.

#### Etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos

No Encontro 01, realizado no dia 17 de agosto, primeiro o pesquisador apresentou aos alunos os propósitos da sua pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de esclarecimentos permanentes.

Depois da apresentação das condições de realização da pesquisa e do cronograma e informações gerais sobre a disciplina, o pesquisador, visando à mobilização dos conhecimentos dos alunos participantes, propôs a Atividade 01, para

---

<sup>4</sup> Perfil do Instagram: @inventario.usp.sc (Link de acesso: < <https://www.instagram.com/inventario.usp.sc/> >).

que eles refletissem sobre a vida deles como universitários do campus USP São Carlos: os hábitos, as experiências, as relações, os lugares que frequentam. A partir disso, as reflexões propostas foram: [1] um lugar importante (no campus ou no município de São Carlos); [2] um elemento da natureza que fosse representativo (do campus ou do município de São Carlos); [3] uma celebração ou festa a qual participa; [4] uma forma de expressão ou de comunicação que utiliza; [5] uma manifestação social e/ou artística a qual pratica. Enfim, o cotidiano dos alunos como universitários do campus USP São Carlos foi problematizado e desnaturalizado. Foi solicitado que cada aluno, individualmente, selecionasse uma imagem para representar cada reflexão e elaborasse uma descrição objetiva para cada imagem, evidenciando o porquê da escolha e qual é a importância do que foi escolhido.

O uso da imagem foi proposto, primeiro, porque segundo o historiador Jacques Le Goff (1990), a memória coletiva sofreu grandes transformações durante o século XX, e, desde então, a pesquisa e a salvaguarda da memória passaram a ser buscados não mais nos acontecimentos específicos, mas ao longo do tempo, e não mais apenas em registros verbais, mas também nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas. Segundo, porque de acordo com Didi-Hubermann, as imagens possuem aura – que pode ser entendida como um atributo visual que parte de um objeto/imagem e faz com que se relacionem com o observador, não de forma indiferente e estanque. Essa aura é fruto de uma conexão com o passado, com a memória, que vai além do momento presente, uma junção de uma trama de significados invisíveis que são revividos no olhar. Diante das possíveis interpretações de uma imagem, influenciadas pelo desejo, memória, olhar, distância, onde o observador carrega consigo uma bagagem de símbolos que altera sua percepção e experiência frente a um determinado estímulo (DIDI-HUBERMANN, 2010).

No Encontro 02, dia 24 de agosto, cada aluno apresentou o seu material. As formas de representação por imagem variaram, sendo utilizados: desenho à mão livre, desenho digital, colagem e fotografia. Quanto às descrições, alguns optaram por escrever legendas e outros optaram por somente descrever oralmente. De forma espontânea, os alunos teceram comentários um sobre a apresentação do outro, uma

vez que eles se reconheceram nas representações trazidas, o que denota a importância do que estava sendo representado como prática cultural dos universitários.

## Etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento

Nessa Etapa, três (3) alunos cancelaram as suas matrículas. Dessa forma, o número de participantes passou a ser 20.

No Encontro 03, no dia 31 de agosto, houve uma aula em que foram mobilizados os conhecimentos dos alunos sobre o campo do Patrimônio Cultural. Utilizou-se a metodologia ativa, em que o educando é o sujeito do processo, pautada na problematização e reflexão. Assim, de forma coletiva e dialógica, estabeleceu-se a trajetória conceitual do campo, e se construiu o entendimento de Patrimônio Cultural como aquilo que é portador de referência à ação, à identidade e à memória. Foi construída, ainda, a noção de referência cultural, que consiste no conjunto de lugares, de práticas, de habilidades, de costumes, de crenças e valores que possui significado para o modo de ser e estar no mundo. Para isso, foram retomadas as reflexões do Encontro 01 e que foram apresentadas no Encontro 02 pelos alunos, de forma a oportunizar o reconhecimento de que o que eles trouxeram naquelas representações constitui as referências culturais da vida deles como universitários, e as práticas e os suportes materiais trazidos por eles nessas representações podem ser entendidos como Patrimônio Cultural porque são portadores de referência à ação, à identidade e à memória deles como universitários.

Para o Encontro 04, no dia 14 de setembro, foi preparada uma aula sobre a construção de um Inventário Participativo, como instrumento de organização, sistematização e comunicação de informações. A aula foi pautada também na problematização e reflexão, e, de forma coletiva e dialógica, construiu-se o entendimento do Inventário Participativo como um dispositivo de construção de representação do Patrimônio Cultural, que deve contemplar informações sobre as

experiências e os conhecimentos das pessoas envolvidas com as referências culturais inventariadas, de forma a comunicar e transmitir esse patrimônio.

Com isso, foi proposta a Atividade 02, baseada nas orientações da publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos*, de 2016. Primeiro, os docentes organizaram as referências culturais representadas pelos alunos na Atividade 01 de acordo com as categorias do Inventário Participativo: categoria saber, categoria celebrações, categoria formas de expressão, categoria lugares (abrangendo o município de São Carlos) e categoria lugares (abrangendo o campus USP São Carlos). Como não houve menção a nenhum objeto, não surgiu a categoria *objetos*. Em compensação, como houve um número expressivo de lugares, os docentes dividiram os lugares em: lugares que abrangiam o município de São Carlos (ou seja, fora do campus), e os lugares que abrangiam o campus USP São Carlos especificamente.

Assim, os vinte (20) alunos foram organizados em cinco (5) grupos de quatro (4) pessoas. Como dezoito (18) alunos eram do curso de Arquitetura e Urbanismo (18) e dois (2) eram de outros cursos, houve o cuidado de distribuir esses dois alunos de forma que não ficassem excluídos. Cada grupo escolheu uma categoria para elaborar um Inventário Participativo. As categorias foram tratadas como eixos temáticos, de forma que os alunos não precisassem selecionar apenas uma referência cultural no Inventário, mas poderiam abarcar mais de uma, desde que se entrecruzassem e estivessem no mesmo eixo. Foi apresentado o roteiro da publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos*, com a finalidade de que os alunos iniciassem a elaboração do inventário. Nesse primeiro momento, na Atividade 02, solicitou-se que os grupos fizessem somente os registros por escrito, com a coleta de informações complementares via pesquisa e levantamento de fotografias nos acervos pessoais deles. Isso se justifica porque nos encontros posteriores foram propostas problematizações e reflexões a respeito do uso de múltiplas linguagens para representação na construção do Inventário.

O Grupo 01 escolheu trabalhar na categoria *Lugar*, e abranger: a rodoviária, o Japa Açai e a feira que ocorre no Kartódromo, relacionando-os ao campus da USP. O

Grupo 02 escolheu trabalhar na categoria *Celebrações*, abrangendo algumas festas universitárias: a festa no Palquinho – que recebe este nome por ocorrer em um anfiteatro com palco a céu aberto no campus –, a festa Bar em Bar – que ocorre na recepção dos calouros, e consiste em realizar um trajeto com paradas pelos vários bares da cidade –, as festas em repúblicas de estudantes, as festas em casas noturnas e o TUSCA. O Grupo 03 escolheu trabalhar na categoria *Saber*, abordando a prática da escrita e do desenho nas paredes do edifício do IAU. O Grupo 04 escolheu a categoria *Forma de expressão*, e trabalhar com a prática do desenho, especialmente o Caderno de Desenho produzido no primeiro ano da graduação em Arquitetura e Urbanismo. Por fim, o Grupo 05 escolheu trabalhar na categoria *Lugar*, contemplando o campus e, especificamente, o espaço do IAU.

No Encontro 05, dia 21 de setembro, foi desenvolvida uma aula sobre desenho. Pautada na problematização e reflexão, ao longo da aula os docentes propuseram problematizações e reflexões aos alunos, que podem assim ser sintetizadas: qual sua relação com o desenho, estruturada a partir da discussão dos tipos de desenho – esquisso, esboço, contorno e detalhe. Construiu-se de forma coletiva o entendimento de que o desenho é uma ferramenta de acesso à percepção, um meio de comunicação e de expressão, um tipo de comunicação para além da linguagem verbal, e que carrega sentimentos, intenções, afetos, memórias e experiências.

O Encontro 06, dia 28 de setembro, foi desenvolvido em dois momentos. No primeiro momento, desenvolveu-se uma aula sobre percepção, arquitetura e suas representações. Construiu-se de forma coletiva o entendimento de que os espaços que ocupamos, os lugares que vivemos, são extensões do corpo e abrigo, não apenas abrigo para o corpo, mas também para a memória, para a identidade e para a mente. No segundo momento do encontro, os docentes realizaram atendimentos com os grupos para o desenvolvimento da Atividade 02.

No Encontro 07, dia 05 de outubro, foi ministrada uma palestra por convidados externos sobre estratégias para ativação de memórias da população em geral utilizando



diversas formas de representação, como: desenhos, cartões postais, fotografias, redes sociais etc.

Finalizando a Etapa 02, no Encontro 08, dia 19 de outubro, os alunos fizeram uma entrega da Atividade 02. E foi desenvolvida uma aula com foco no Inventário Participativo como dispositivo de representação do Patrimônio Cultural, como instrumento de organização, sistematização e comunicação de informações. A aula foi pautada na problematização e reflexão, e, de forma dialógica e coletiva, construiu-se o entendimento com os alunos de que, o Patrimônio Cultural como representação social e cultural, também é um processo de comunicação, transmissão e atualização, sendo importante a afirmação e a expressão da identidade e a recriação de valores e significados sociais e culturais. E que, na atualidade, as tecnologias de informação e comunicação consistem em represas de informação, e constituem numa arena central na construção da inteligibilidade do mundo.

Sendo assim, foi proposto o Trabalho Final da disciplina aos alunos: o Inventário Participativo publicado na rede social Instagram, que é uma continuação da Atividade 02. Se na Atividade 02 os alunos fizeram a organização das informações utilizando a linguagem verbal, bem como a coleta de informações complementares via pesquisa e levantamento de fotografias dos seus acervos pessoais, o Trabalho Final consistiu no planejamento de como comunicar essas informações. Esse planejamento foi fundamental, uma vez que a forma de comunicação, utilizando múltiplas linguagens – desenho (à mão ou digital), colagem, fotografia, audiovisual etc. – potencializada pelas possibilidades da rede social, constituem a forma de representação das referências culturais identificadas pelos grupos. Vale ressaltar que os grupos tiveram total autonomia para selecionar as informações para a construção do Inventário e para definir quais as linguagens utilizadas.

Etapa 3 – Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do processo

O Encontro 09, dia 26 de outubro, foi destinado para o atendimento aos grupos para o desenvolvimento do Trabalho Final. Nesse encontro, os atendimentos ocorreram todos na mesma sala do Google Meet, de forma que os grupos pudessem acompanhar os atendimentos um do outro. No Encontro 10, dia 09 de novembro, que também foi destinado integralmente a atendimento, os atendimentos foram realizados com os grupos separadamente, de forma a dialogar sobre as especificidades de cada grupo.

No Encontro 11, dia 16 de novembro, os grupos coletivizaram os Trabalhos Finais em uma apresentação para a turma. Foi um momento de muita interação, pois os alunos a todo instante se reconheciam como detentores das referências culturais apresentadas pelos grupos. Também foi um momento de ativação de memórias, uma vez que, em decorrência da pandemia, os alunos não puderam realizar as práticas culturais que foram representadas nos anos de 2020 e 2021 – lembrando que, nesse momento, já era o 20º mês em que as aulas estavam remotas.

O Grupo 01, que trabalhou na categoria *Lugar*, abrangeu alguns lugares importantes para a vida universitária no município de São Carlos, dentre eles a rodoviária, o Japa Açaí, o CAASO, o Palquinho, o restaurante universitário e o Kartódromo. O grupo, utilizando-se de linguagem do conhecido Jogo da Vida<sup>5</sup>, associou esses lugares às fases da graduação e ao período do semestre, à rotina da vida universitária (Fig. 1).

---

<sup>5</sup> Jogo de tabuleiro produzido pela Estrela, em que os jogadores passam pela simulação de diversas situações cotidianas relacionadas à família, trabalho etc. e, a todo momento, são obrigados a tomar decisões e sofrer com as consequências delas.

Figura 1. Diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 01.



Fonte: os autores, 2021.

O Grupo 02 trabalhou na categoria *Celebrações*, no qual foram abordadas diversas festas e celebrações que fazem parte da vida universitária. O grupo, utilizando-se de linguagem de jogo eletrônico, apresentou o TUSCA em destaque, com toda a preparação para participar da festa, o que ocorre durante a festa e a espera pela festa do próximo ano (Fig. 2). O Grupo 03 trabalhou da categoria *Saber*, no qual foi abordada a prática das escritas e desenhos nas paredes do IAU. O grupo, de forma bastante sensível, conseguiu compreender as especificidades e as qualidades de cada registro nas paredes de cada lugar no IAU, relacionando-os às fases da graduação em que eles foram produzidos (Fig. 3).

**Figuras 2 e 3.** Post do trabalho do Grupo 02 e diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 03.



Fonte: os autores, 2021.

O Grupo 04 trabalhou na categoria *Forma de expressão*, no qual foi abordado o caderno de desenho produzido na graduação em Arquitetura e Urbanismo. O grupo detalhou todo o processo de desenvolvimento do caderno, desde a sua produção até os gestos, materiais e práticas envolvidos no ato de desenhar no caderno (Fig. 4). E o Grupo 05 trabalhou na categoria *Lugar*, contemplando especificamente o espaço do IAU. O grupo, utilizando a linguagem dos memes da internet – que são imagens relacionados ao humor –, detalhou todas as práticas, habilidades, costumes e valores dos alunos de graduação do IAU (Fig. 5).

Figuras 4 e 5. Diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 04 e post do Instagram do trabalho do Grupo 05.



Fonte: os autores, 2021.

No Encontro 12, o último, realizado no dia 23 de novembro, houve o encerramento da disciplina. Os alunos foram convidados a falar sobre o que acharam do processo, a fazerem observações sobre os trabalhos. E, por fim, foram submetidos a uma entrevista estruturada com perguntas abertas via formulário Google.

#### **Dados das entrevistas realizadas com os universitários que participaram da ação**

Os 20 alunos participantes da coleta de dados foram submetidos a uma entrevista estruturada com perguntas abertas no dia 23 de novembro. A entrevista foi aplicada via formulário Google. A pergunta 01 foi: "Você considera que o processo de Educação Patrimonial do qual participou foi imprescindível para a identificação das suas referências culturais, que fazem parte da sua vida como universitário (a) do Campus USP

São Carlos? Explique.” Os 20 alunos concordaram e afirmaram a imprescindibilidade do processo. Algumas respostas que corroboram com objetivo da pesquisa:

Creio que o processo de Educação Patrimonial da disciplina foi fundamental para a compreensão de aspectos e referências culturais que fazem parte do meu cotidiano, que, no entanto, não reconhecia como parte de um patrimônio cultural e imaterial. Antes das aulas dessa matéria optativa, acreditava que esse tipo de conhecimento, parte da minha vivência, não se enquadraria como integrante de algo que pudesse ser reconhecido como patrimônio. Acreditava que só pudesse fazer tipo desse conhecimento produções reconhecidas por órgãos que se dedicam às questões patrimoniais. Com o trabalho desenvolvido, pude abrir os olhos para expressões e manifestações do meu dia a dia com um outro olhar, algo que pudesse fazer parte de um inventário participativo (resposta do aluno Eduardo Galbes Breda de Lima, 2021).

Sim, no sentido de que o processo de educação patrimonial me apresentou, principalmente, uma nova perspectiva sobre o que é patrimônio cultural e quais são as nossas relações com ele, bem mais próximas e diretas do que pensava e sabia. A abordagem da disciplina nos instigou a participar ativamente do que estava sendo discutido, de maneira que quem propôs o que seria inventariado, em específico, fomos nós (alunos). Desta forma, nossa identificação com o objeto de estudo pode ser entendida como um exemplo de como devemos tratar questões relativas ao que seria patrimônio ou não, quem tem autoridade para decidir ou não, pois o objeto estudo (o caderninho de desenho) é extremamente presente na nossa cultura universitária. Até mesmo em função do contexto de pandemia e distanciamento social e conseqüentemente do campus e do convívio usual do ambiente universitário, onde essa cultura (e os caderninhos) sofreu com certas adversidades: inventariar o caderninho de desenho foi uma forma de resgatar essa cultura e se sentir integrado novamente, mesmo que à distância (resposta do aluno Francisco Ferreira Peppe, 2021).

Considero que sim. Na verdade, identificar a cultura dentro do universo universitário de São Carlos já era algo que eu tinha de forma um pouco clara, porque é uma questão de observação do entorno, mas eu nunca tinha pensado nesses costumes e nessa cultura como um patrimônio que interfere na minha vida ou nas minhas ações e próprios costumes. É como se eu soubesse que existe a diferença em relação a outras cidades ou modos de vida, mas nunca me atentado na real influência sobre (mesmo que São Carlos tenha completamente mudado a minha forma de viver e de me portar ou me vestir, eu nunca tinha me atentado no quanto esses elementos de referência cultural realmente agiram e continuam agindo sobre mim). Acho que isso ficou até mais forte no trabalho final, que meu grupo fez de celebrações. Para mim foi muito surpreendente pensar que o costume de ir em festas e o tipo de festa eram uma referência cultural e um patrimônio do universitário de São Carlos, algo que tem real relevância no entendimento do viver universitário daqui (resposta da aluna Luiza Nascimento Gonçalves, 2021).

A pergunta 02 foi: “Ao longo do processo, você conseguiu se reconhecer como um produtor cultural, detentor das suas próprias referências culturais e do seu próprio patrimônio cultural? Explique.” Os 20 alunos afirmaram que conseguiram se reconhecer. Algumas respostas que corroboram com objetivo da pesquisa:

Sim, ao colocar as práticas culturais próprias em análise, foi possível identificar as contribuições individuais e coletivas nas tradições universitárias, nos eventos e práticas. Percebe-se na verdade, que se não fossemos produtores culturais essas referências deixariam de existir (resposta do aluno João Vitor de Aquino Ferreira, 2021).

Ao decorrer da matéria e principalmente do trabalho foi possível perceber que carregamos uma bagagem patrimonial e cultural, porém não tinha consciência desse conhecimento e muito menos sabia caracterizá-lo. O exercício foi importante para resgatar essa cultura universitária e para me enxergar como parte de uma tradição (resposta da aluna Marcela Martins de Oliveira, 2021).

A pergunta 03 foi: “Você considera que a Educação Patrimonial pode ser um instrumento fundamental para a compreensão sócio-histórica e na construção de uma sociedade participativa? Em que aspecto?” Os 20 alunos responderam que sim. Algumas respostas que corroboram com objetivo da pesquisa:

Totalmente. Durante a aula eu falei que algo que me agregou muito durante as aulas foi a quebra do pensamento de patrimônio como algo físico e tradicional. Principalmente pelo fator de que eu fiz um trabalho sobre celebrações, algo que foi completamente agradável e leve de ser feito, porque era parte do meu dia a dia. Quando entramos na universidade tem sempre aquela ideia fixa e propagada de viver pela universidade e aproveitar a sua faculdade é só sobre graduação, mas viver a experiência universitária vai muito além disso e eu senti que a disciplina trouxe essa quebra do tradicional. Fazer o trabalho sobre o TUSCA com vídeos meus e dos meus amigos em festas, foi algo muito bacana, porque eu senti que nós estávamos realmente transmitindo o que é São Carlos, o que é o universitário de São Carlos e reforçou muito o nosso papel na construção e propagação dessa cultura (resposta da aluna Luiza Nascimento Gonçalves, 2021).

Sim, completamente. A realidade cultural humana é preenchida por componentes materiais e imateriais; saber como identificar, então, como esses componentes se relacionam, suas especificidades e as suas nuances são princípios fundamentais para a compreensão sócio histórica da sociedade, tornando, por consequência, através da identificação das pessoas com o processo, todo o percurso mais participativo (resposta do aluno João Batista Cavaroli Stivanin, 2021).

A pergunta 04 foi: “Você considera que o processo oportunizou a construção coletiva e democrática de conhecimento? Por quê?” Os 20 alunos consideraram, respondendo afirmativamente. Algumas respostas que corroboram com objetivo da pesquisa:

Sim, uma vez que durante todo o prosseguimento da disciplina (principalmente nos produtos preparados e expostos pelas equipes) o conhecimento foi construído em conjunto, agregando diversas visões, experiências, opiniões e perspectivas. Dessa forma, pode-se dizer que o processo não só teve uma construção coletiva e democrática, mas que ele só foi possível e teve êxito devido a essas formas de organização (resposta do aluno João Batista Cavaroli Stivanin, 2021).

Sim. A orientação e a supervisão do professor no desenvolvimento do exercício não tolheram a atuação dos alunos, o que é raro nos processos educativos (pelo menos, de acordo com as minhas experiências). Em muitos casos, senão na grande maioria, existe uma verticalidade, uma hierarquia que se concentra apenas na simples transmissão de um conhecimento já pronto entre professor, o detentor do conhecimento, e os alunos, os receptores da informação, sem que haja estímulos além desse contexto. No caso dessa disciplina, foi dada aos alunos a possibilidade da espontaneidade e da liberdade (é claro, com as devidas orientações e sugestões do professor) na hora de elaborar os exercícios propostos, o que resultou em produtos genuínos, sensíveis e até divertidos. Além disso, a dinâmica de apresentações e participação em aula fez com que os alunos se expressassem e repassassem suas vivências para os colegas, estimulando a criação de um conteúdo cultural coletivo (resposta da aluna Laura Hiilesmaa, 2021).

A pergunta 05 foi: “Sobre o modo de sistematizar e organizar o conhecimento construído durante o processo: você concorda que o Inventário Participativo é uma boa forma de fazer esse registro? Qual é a sua opinião sobre o uso de múltiplas linguagens – além da linguagem verbal/escrita, desenhos, imagens, fotografias, recursos audiovisuais etc. – para representação na elaboração do Inventário?” Os 20 alunos concordaram, respondendo afirmativamente. Algumas respostas que corroboram com objetivo da pesquisa:

Sim, o "inventariamento" se mostrou muito completo e eficaz quanto a realização de registros, levantamento categórico e organizado de informações sobre o objeto. No nosso grupo, por exemplo, aprendi coisas sobre o caderninho que não sabia, sua história, como surgiu, e principalmente a importância que este tem para os alunos do IAU, o quanto ele é uma referência cultural compartilhada e relevante. Além disso, a possibilidade de usar diferentes linguagens enriqueceu enormemente o



processo de representação pois seria difícil de mostrar nossos produtos apenas com uma linguagem: os textos, as fotos, os vídeos narrados e os desenhos se encaixaram perfeitamente para mostrar de forma exata (e otimizada, ainda mais pelo meio em que divulgamos: o instagram) a informação que objetivamos passar (resposta do aluno Francisco Ferreira Peppe).

Mas é preciso pontuar que 1 aluno fez ressalvas:

Eu achei interessante o uso de múltiplas linguagens no processo do trabalho, acredito que essas formas podem complementar e tornar mais rico o que foi apresentado de forma escrita. Contudo, ainda vejo que houve dificuldades nesse trabalho, porque a transição de elementos que estavam escritos anteriormente não acontece sem perdas. O trabalho escrito ainda é mais completo, tendo informações que são difíceis de serem passadas para outras linguagens – vejo que isso aconteceu em todos os grupos. Entendo que a intenção do trabalho não era passar todo o conteúdo para esses outros formatos, mas acho importante pontuar que essas linguagens devem ser complementares e não substitutas (resposta do aluno Eduardo Galbes Breda de Lima).

## Considerações

O processo educativo foi desencadeado na *Etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos*, a partir da problematização, da desnaturalização do cotidiano dos alunos como universitários, mediadas pelos docentes. Foram mobilizados os conhecimentos, as experiências e as vivências que os alunos possuem: um lugar importante, um elemento da natureza representativo, uma celebração ou festa que participam, uma forma de expressão ou comunicação que utilizam, uma manifestação social e/ou artística que praticam.

Esse desencadeamento pode ser considerado, sob uma perspectiva *freireana*, a possibilidade para a produção e construção do conhecimento dos alunos. O movimento realizado na Etapa 1 possibilitou que, na *Etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento*, fosse construído o entendimento do que é Patrimônio Cultural a partir da realidade vivida pelos universitários. Se Patrimônio Cultural é aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade de um grupo, os conhecimentos, as experiências e as vivências – portanto, as referências culturais – representados por

imagens e descrições na Atividade 01 constituem o Patrimônio Cultural do grupo participante da ação.

Por isso, o processo educativo proporcionou aos educandos a superação da captação ingênua da realidade por uma predominantemente crítica. A ação intermediou a leitura da realidade dos educandos: o Patrimônio Cultural foi um recurso para a compreensão da própria trajetória sócio-histórica dos universitários, que identificaram que não é somente a universidade que os transformou, mas também eles transformaram a universidade com a produção e reprodução, criação e recriação de práticas culturais.

Com isso, foi possível a autonomização dos educandos participantes, uma vez que eles passaram a se reconhecer como produtores culturais, como detentores de referências culturais, do seu próprio Patrimônio Cultural. Eis que a o processo educativo cumpriu o seu papel de transformação social. Pode-se afirmar, então, retomando Brandão (1996), que o processo educativo se apropriou legitimamente da cultura dos universitários, oportunizando um ensino crítico e criativo, e devolveu aos universitários a sua própria cultura mais transparente.

Se conhecimento é criação, devendo sempre ser reformulado, ressemantizado, ressignificado, e se Patrimônio Cultural também é um processo de comunicação, transmissão e atualização de conhecimentos e ideias, a construção do Inventário Participativo na Etapa 2 e *Etapa 3 - Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do processo* foi uma excelente ferramenta para isso. Os alunos recorreram às múltiplas linguagens - desenhos analógicos e digitais, vídeos, fotografia, língua escrita, narração etc. - para reformular, ressemantizar, ressignificar o conhecimento construído ao longo do processo educativo, e o Inventário Participativo constitui na forma que os alunos escolheram representar o seu Patrimônio Cultural a fim de comunicá-lo, transmiti-lo e atualizá-lo. Em uma das respostas à pergunta 05 da entrevista, um dos alunos apontou que ele considerou que, na hora de formatar o Inventário a ser divulgado, houve a supressão de informações. Mas é preciso deixar claro que a intencionalidade não era que todas as informações coletadas e conhecimento

construído aparecessem no Inventário, mas sim que eles reformulassem, ressemantizassem, ressignificassem e tivessem a autonomia para selecionar o que seria comunicado, transmitido. Além disso, o que mais importou foi a ação em si, o conhecimento construído ao longo do processo educativo – o produto final constitui em uma representação.

Sendo assim, os dados coletados ao longo da ação de Educação Patrimonial realizada no contexto da disciplina *Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária* – observação do pesquisador, o Inventário Participativo e as respostas das entrevistas – permitem confirmar a imprescindibilidade da Educação Patrimonial para a identificação das referências culturais pelo grupo que participou da ação, bem como que a ação oportunizou a construção coletiva e democrática do conhecimento.

Convém ressaltar a importância que a pesquisa-ação está tendo para a pesquisa que contextualiza a ação aqui apresentada. A ação foi subsidiada pelo repertório teórico-conceitual sintetizado no artigo. A experiência prática do pesquisador na realização da ação, em decorrência do sucesso da ação, pode consolidar os referenciais teórico-conceituais, as estratégias de ação e as ferramentas possíveis para o processo. Cabe destaque aqui para os dois marcos referenciais estabelecidos do IPHAN, as publicações *Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos* e *Educação Patrimonial: inventários participativos*, que foram fundamentais para a estruturação da ação. Valendo, ainda, ressaltar a flexibilidade do Inventário Participativo como ferramenta, uma vez que ele foi reformulado e adequado considerando as especificidades da ação, especialmente ao fato de que o formato foi digital, publicado na plataforma Instagram.

Por fim, faz-se necessário, sobretudo, pontuar as especificidades em que essa ação ocorreu. Os alunos estavam muito distantes fisicamente da cidade, do campus da USP São Carlos. Eles estavam no segundo ano de isolamento, uma vez que o início da ação se deu entre agosto de 2021 (17º mês de isolamento) e novembro de 2021 (20º

mês de isolamento), em decorrência da pandemia COVID-19. Essas especificidades do contexto temporal em que a ação ocorreu tornam a ação de extrema relevância para os alunos. Rememorar, expressar e compartilhar sobre as suas experiências e vivências como universitários da USP São Carlos transportou-os – ainda que não presencialmente – de volta ao campus, de volta a São Carlos.

Os encontros promovidos pela disciplina e o desenvolvimento do Inventário Participativo tornaram-se um encontro entre amigos – como se os alunos estivessem conversando nos intervalos de aula, nos corredores do campus, ou até mesmo nos lugares que eles frequentam, contando uma história, compartilhando experiências. Isso ficou muito evidente não só nas respostas das entrevistas, mas nas inferências dos docentes, a partir da forma com que eles se comunicavam ao longo dos encontros. E esses são resultados para além dos objetivos previstos para a ação e para a pesquisa que a contextualiza, e que corroboram, ainda mais, a importância desta ação de Educação Patrimonial, no momento em que ela ocorreu, e com este grupo, especificamente.

O docente colaborador, como pesquisador e responsável pela ação, na condição de alguém que não cursou a graduação no campus USP São Carlos, pôde vivenciar as experiências dos universitários ao longo do processo educativo. E isso vai ocorrer também com quem acessar o Instagram, oportunizando que outros grupos que coabitam na cidade de São Carlos possam conhecer a universidade para além de uma instituição de ensino, como um lugar em que ocorrem complexas e importantes práticas culturais.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, educação e interação: Observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas. In: \_\_\_\_. **O difícil espelho:** limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996. p. 27-104.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de

Edições Técnicas, 2016. p. 123, 127. Disponível em: < [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf) >. Acesso em: 05 jun. 2020. 17h08'.

DEMARCHI, João Lorandi. **Referências culturais da escola, na escola:** contribuições do Projeto Interação para a educação patrimonial. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13082020-132634/pt-br.php> >. Acesso em: 09 nov. 2020. 16h10'.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** Prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010 (2. edição). 264p.

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA USP. DCE Livre Alexandre Vannucchi Leme. **Relatório da pesquisa sobre o retorno presencial na USP.** 2021. Disponível em: < [https://drive.google.com/file/d/1\\_WcDt6pOR2U7B2JEJubgdCtkFVXrcPB/view?fbclid=IwAR15xfJLA20h8afdoWmzTXMJ8KdvDJQFMdmQ9Ttv1IPWK3l1IAvxOo0LWTK](https://drive.google.com/file/d/1_WcDt6pOR2U7B2JEJubgdCtkFVXrcPB/view?fbclid=IwAR15xfJLA20h8afdoWmzTXMJ8KdvDJQFMdmQ9Ttv1IPWK3l1IAvxOo0LWTK) >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h11'.

EPTV 1. Estudantes da USP e da UFSCar movimentam R\$ 20 milhões por mês em São Carlos, diz Acisc. **Portal G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos e Araraquara, 10 de março de 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/03/10/estudantes-da-usp-e-da-ufscar-movimentam-r-20-milhoes-por-mes-em-sao-carlos-diz-acisc.ghtml> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h.

FLORENCIO, Sônia Rampim. **Educação Patrimonial:** Histórico, conceitos e processos. IPHAN, 2014. Disponível em: < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf) >. Acesso em: 21 ago. 2019. 14h47'.

\_\_\_ et al. **Educação Patrimonial:** inventários participativos: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016. p. 07. Disponível em: < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio\\_15x21web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf) >. Acesso em: 04 nov. 2020. 14h55'.

FONTES, Henrique. Cidade de São Carlos tem um doutor a cada 100 habitantes. **Jornal da USP**, 14 de maio de 2019. Universidade. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/universidade/cidade-de-sao-carlos-tem-um-doutor-a-cada-100-habitantes/> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h14'.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 29. ed. p. 114.

\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 24. ed. p. 25.

GONÇALVES, Janice. Da educação do público à participação cidadã: sobre ações educativas e patrimônio cultural. **MOUSEION**, Canoas, n. 19, dez., 2014, p. 83-97. Disponível em: < <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/issue/view/123/showToc> >. Acesso em: 22 mar. 2020.

GROAT, Linda. Case Studies and Combined Strategies. In: \_\_\_\_; WANG, David. **Architectural research methods.** John Wiley & Sons: Hoboken, New Jersey, 2013a.

\_\_\_\_. Qualitative Research. In: \_\_\_\_; WANG, David. **Architectural research methods.** John Wiley & Sons: Hoboken, New Jersey, 2013b.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 137**, de 28 de abril de 2016. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Brasília, DF: Diário Oficial da União, seção 1, n. 81, p. 6, 29 abr. 2016. Disponível em: < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria\\_n\\_137\\_de\\_28\\_de\\_abril\\_de\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf) >. Acesso em: 07 fev. 2020. 14h12'.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 423-424. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod\\_resource/content/1/LE\\_GOFF\\_HistoriaEMemoria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf). Acesso em: 10 set. 2019.

PORTAL USP-SÃO CARLOS. **Portal USP-São Carlos**, 2022. História e números. Disponível em: < <http://www.saocarlos.usp.br/creditos/> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 9h59'.

SÃO CARLOS. **Prefeitura Municipal de São Carlos**, 2022. História de São Carlos. Disponível em: < <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 9h52'.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, v. 18, n. 48, p. 5-16, jan.-mar. 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231/19932>>. Acesso em: 13 jan. 2021. 10h54'.

SMITH, Laurajane. El “espejo patrimonial”. ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? **Antípoda**, Revista de Antropología y Arqueología, n. 12, 2011. p. 39-63. Disponível em: < <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.7440/antipoda12.2011.04> >. Acesso em: 05 out. 2021. 14h35'.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986. 2. ed.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Universidade Federal de São Carlos**, 2022. Campus São Carlos. Disponível em: < <https://www.ufscar.br/a-ufscar/campus-sao-carlos> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h03'.

PORTAL G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA. Com jogos e shows, 40ª Tusca deve atrair 30 mil pessoas por dia e movimentar R\$ 20 milhões. **Portal G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos e Araraquara, 11 de novembro de 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/11/11/com-jogos-e-shows-40o-tusca-deve-atrair-30-mil-pessoas-por-dia-e-movimentar-r-20-milhoes.ghtml> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h20'.

\_\_\_\_. Universitários aquecem a economia de São Carlos. **Portal G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos e Araraquara, 16 de novembro de 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2018/11/16/universitarios-aquecem-a-economia-de-sao-carlos.ghtml> >. Acesso em: 15 fev. 2022. 10h07'.

Recebido em março 2022  
Aceito em junho de 2022